
O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO DIGITAL¹

THE MALAISE IN DIGITAL CIVILIZATION

EL MALESTAR DE LA CIVILIZACIÓN DIGITAL

Fabiana de Oliveira Ribeiro Ribeiro², Filomena Elaine Paiva Assolini³

RESUMO

Esta resenha discute os efeitos das tecnologias digitais na mente humana.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Digital. Psicanálise. Mal-estar

ABSTRACT

This review discusses the effects of digital technologies on the human mind.

KEYWORDS: Technology. Digital. Psychoanalysis. Malaise

RESUMEN

Esta revisión analiza los efectos de las tecnologías digitales en la mente humana.

PALAVRAS-CLAVE: Tecnología. Digital. Psicoanálisis. Malestar

Souza Leite, P. C. B. **O mal-estar na civilização digital**. São Paulo: Bluncher, 2022.

O mal-estar na civilização digital, obra do médico e psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina da USP, onde é docente, e pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo,⁴ Pedro Colli Badino de Souza Leite, é composto por cinco capítulos distribuídos em 200 páginas que fazem uma reflexão intrigante sobre um tema explicitamente importante na contemporaneidade, as consequências das novas linguagens tecnológicas na psique humana e os efeitos sofridos pela mente diante de um mundo que não conhecíamos até 20 e poucos anos atrás.

¹ Financiado pela CAPES.

² Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Ribeirão Preto. Professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG - Brasil. **E-mail:** fabiana.mirella@gmail.com

³ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Docente na Universidade de São Paulo. São Paulo, SP Brasil. **E-mail:** elainefdoc@ffclrp.usp.br

⁴ Também é coordenador do grupo de estudos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Submetido em: 01/06/2024 - **Aceito em:** 25/06/2024 - **Publicado em:** 12/08/2024

Pelo livro somos instigados a pensar na frequência em que, por trás de telas iluminadas, existam mentes mergulhadas em densas trevas: perversões, hiperinformação, exibicionismo, desvitalização, vícios... e provocados a questionar: a tecnologia dá nova forma ao que já existia ou ela apenas (re)cria sintomas que se encontram infiltrados por toda a parte? Sabemos que o mergulho (não navegação) no oceano digital precisa começar a gerar estranhamento, para desnaturalizar a relação com o celular e, assim, experimentarmos uma abertura para um espaço de percepção e pensamento até então fechado e tolerante à escuridão. É nesse sentido que a obra nos estimula a refletir, já que muitas vezes a tecnologia é compreendida pelo viés dos avanços que traz à sociedade, ignorando-se os prejuízos que pode causar.

De tal forma, o primeiro capítulo, “A luz do meio-dia”, aguça o “olho interno” para o colapso do Ideal do Eu, a perda do contrato social, em meio à emergência da vida pulsional. O excesso de dados que bombardeia a mente humana leva-nos a períodos de entrada no “modo avião”, “sem sinal”, para falar e até refletir. A poluição de informações é o excesso de luz trazido pelas telas, que nos expõe à supercomunicação como num *feed* infinito de alguma rede social, que adentra nosso aparelho psíquico sem muita resistência. Somos invadidos pelo próximo dado sem termos tempo de apertar o *pause*, e a consequência disso é a debilidade do ato de pensar, que pode colocar em risco toda a organização social que conhecemos. Um exemplo são as decisões que tomamos, especialmente as políticas, pois a debilidade do ato de pensar serve preferencialmente aos interesses dos desonestos e para a manipulação das massas.

O capítulo defende, assim, que o pensamento é uma ação psíquica que precisa deixar de lado toda a percepção que não é fundamental. O pensar trabalha para distinguir o essencial do não essencial, é exclusivo, porém a informação é inclusiva, cumulativa. A hiperinformação age como o excesso de luz que ofusca, ao invés de esclarecer, traz uma apatia à realidade: um novo vírus (não de computador) causando uma desrealização e prejudicando o ato de pensar. Somado a tudo isso, o surto global de Covid-19, com seu excesso áspero de realidade, despertou nossos medos frente às ameaças materiais/existenciais, nossas angústias expressas nas fantasias conscientes e inconscientes. No entanto, a expressão subjetiva pela linguagem desses medos e angústias apontam para uma competência do aparelho psíquico em informar sintomas e integrar tais experiências ao Eu.

No capítulo: “Esboço de uma metapsicologia para vacina”, o autor discute a crise sanitária provocada pela pandemia, em que o governo trabalhou ativa e passivamente contra os instrumentos de combate à COVID- 19 e em favor da desinformação dos brasileiros. Ao corroborar com o descrédito da ciência, tal surto de desinformação atingiu e atinge, de forma

mais contundente, as pessoas mais pobres e à margem de nossa sociedade, que tiveram menor acesso ao letramento. O nosso Eu primitivo convive com o *hater* dentro de si que está sempre prestes a ser despertado/impelido a promover algum discurso de ódio para proteger sua vulnerabilidade, como se o justo, o bom, o verdadeiro, tivessem origem em Mim.

Se esse maciço investimento libidinal narcísico externo e interno é fundamental para a nossa ação psíquica, para a construção da estrutura egóica, por outro lado, trata se, também, do berço da paranoia, uma vez que nesse lugar não se admite a distinção entre o Eu e a experiência de prazer. O autor defende que o princípio do prazer/desprazer vai produzir certezas a respeito da qualidade do objeto. Assim, estabelece-se a posição esquizoparanoide em que a presença alucinatória do objeto mal também serve ao propósito de hospedar as projeções da minha própria destrutividade. Alguns outros pensadores dos fenômenos contemporâneos vêm apontando que uma das marcas da pós-modernidade é, justamente, a erosão da alteridade, como mostra Byung-Chul Han em *Sociedade do cansaço* (2010). Embora haja um tom pessimista em Han, é preciso dar atenção aos processos de homogeneização que permeiam a realidade digital, antes que ela arruíne a diversidade, fator indispensável ao crescimento intelectual e emocional.

Neste sentido, Leite explica que o sujeito narcísico, pós-moderno, não consegue estabelecer limites claros entre o si mesmo e o outro ou entre o si mesmo e o mundo. Ele perambula de projeção em projeção, nunca encontrando nada a não ser o Eu mesmo por todos os lados. Fazemos parte de uma época em que se morre tirando selfie: uma atualização do mito no qual Narciso se afoga no lago, apaixonado por si. Se antes o espelho era de água, agora ele é feito de cristal líquido nas telas dos smartphones.

Já no capítulo três, “Um mal-estar na civilização digital”, o autor discute a letalidade que vivemos, entretidos durante horas a fio, estáticos como zumbis, prisioneiros de um algoritmo que captou nossas preferências, para nos manter o maior tempo possível no ar, ou nas nuvens, ou no mundo da lua mesmo. Leite adverte que há determinados tipos de tecnologia que favorecem nossa morte psíquica. Por trás da tecnologia do capital que busca engajar seus usuários por horas e horas na vida *online*, custe o que custar, há uma lógica econômica de design de aplicativos que incita a dependência. Do ponto de vista de tais pressões culturais sobre o sujeito, realmente não importa onde está nossa alma, desde que continuemos a abrir o smartphone, deslizar pelo *feed* conteúdos, produzir todo tipo de informação que alimenta os algoritmos e consumir os produtos propostos em estado de desvitalização.

Por isso, não é difícil concluir que vivemos na sociedade do cansaço, do desempenho, onde encontramos zumbis *fitness*, zumbis empresários de si, zumbis dopados de ritalina ou

suco *detox* trabalhando e estudando sem parar em frente ao zoom. Essa é a deixa para o trabalho de construir pontes entre sintomas no plano psicanalítico e sintomas no plano da cultura nos quais estamos mergulhados, ou afundados pela luz das telas. Muitos aplicativos dos celulares têm como meta (Meta?) nosso engajamento imediato e, pelo tempo mais longo possível, eles agem silenciosamente e, ao mesmo tempo que nos oferecem enorme conforto, passam a modificar como investimos nossa atenção e em como nos relacionamos uns com os outros.

Enquanto estamos atrás das telas, há uma centena de engenheiros do outro lado que sabem exatamente como funciona a nossa mente e nos controlam via conceitos da psicologia. Este tipo de desdobramento da tecnologia contribui para inclinar a balança na direção do narcisismo: predomina a libido do Eu sobre a liberdade do objeto, evocando o conceito de pulsão de morte, isto é, o trabalho silente de desligamento libidinal e o conseqüente processo de desobjetização. Porém, há um segundo tipo de zumbi: o não apático, mas hiperativo e organicamente hiper saudável, que produz conteúdos. Zumbis do primeiro tipo assistindo a zumbis do segundo tipo: mortos-vivos assistindo a vivos-mortos com eventuais trocas de posição ao longo do tempo. Uma experiência quase narcótica, que alimenta os interesses capitalistas.

No quarto capítulo: “Psicanálise, *big data* e o capitalismo de vigilância”, o autor mostra-nos que há poucos anos nossa espécie fez um progresso inédito em capacidade de prever o futuro, possibilitado pela nova engenharia de extração/análise de dados na vida digital. Aproveitando-se das transformações na cultura e no sujeito pós-moderno, o ser humano ampliou sua conquista sobre o tempo e poder de influência por meio das *big techs*. O futuro pertence a quem detém os dados digitais sobre as nossas vidas, e o poder de decifrá-los. Somos golpeados por um conjunto amplo e profundo de transformações nos processos culturais, intersubjetivos e intrapsíquicos, que deixa nossa vida pesquisável e o nosso futuro previsível.

Além de pesquisados, temos também nossos dados vendidos, pois não só produtos são comercializados, mas ideias. Assim como um analista usa sua própria imaginação e criatividade para “adivinhar” o recalcado arqueológico em meio aos dados vazados dentro do processo analítico, é a inteligência da máquina que, em ação análoga, transforma o entulho de dados vazados na vida online em representações específicas do presente, que preveem o comportamento humano. O surpreendente é que tais dados também podem ser entendidos como a materialização de aspectos inconscientes de nossa mente. O poder computacional das *big techs* parece ser capaz de desfazer o caráter “bruto” dos dados e elevá-los ao estado representacional. São as mesmas funções da mente humana, complexas, refinadas e que, até aqui, supomos existir apenas de forma analógica no contato entre pessoas. Esta antecipação

temporal da ação simbolizante da máquina em relação ao sujeito é aquilo que permite simbolizar o presente prevendo o futuro, porém por um pequeno número de empresas que detêm esse enorme poder. É o fordismo digital invisível.

A privacidade é desrespeitada, somos invadidos para que produtos nos sejam vendidos de forma assertiva, alimentando um consumismo que somos convencidos de alguma forma a alimentar. No começo, pesquisávamos no Google; hoje em dia o Google pesquisa em nós. A busca pela satisfação faz com que o discurso do capitalista se reorganize numa dinâmica em que o sujeito contorna a experiência de castração e se vê como falso mestre de seus desejos numa condição de almejar a completude narcísica. Dessa forma, todo um campo de estudos que orbita em torno da propaganda e do marketing trabalha para promover esse apelo ao consumidor.

Ao mesmo tempo, nessa nova conceituação surge também um novo imperativo superegoico que inverte aquele descrito por Freud no *Mal-estar da civilização* ([1930], 2010).. No discurso do capitalista, o superego obriga o sujeito à experiência contrária: “goze! Goze! Como a fantasia de unidade total e completa, junto ao corpo materno. Goze, sem limites! Para que você se esqueça da metáfora da castração.” Aquele prazer para sempre perdido está à venda, compre-o, no entanto, a alucinação não se sustenta sem a inflação do Eu e o seu fechamento narcísico em uma lógica de consumo veloz e narcotizante, que favorece toda uma série de sofrimentos narcísicos graves.

A isso o autor empresta o termo de Zuboff (2019), de capitalismo de vigilância, em que a lógica do “goze! Consuma!” não é suficiente, mas sim: “goze e poste! Consuma e mostre! Não fique apenas com a experiência exposta, mas com sua própria exposição em si”. Nós, diante disso, queremos fugir para a nuvem, para contornar a castração e continuarmos vivendo o mais previsivelmente, sem autoria, mas em segurança. A vida autoconservativa é muito mais vantajosa do que as aberturas desconhecidas para pulsão. Tornamo-nos, na metáfora de uma fábrica, não apenas trabalhadores ou consumidores, mas, sobretudo, fornecedores de matéria-prima.

Fechando com o quinto capítulo, “Hiperconectividade e exaustão”, Leite disserta sobre a necessidade e o prazer de conectar-se a si ou a outrem como um fato imemorial de nossa espécie. No entanto, a invenção da internet a “rede-entre” ou “entre-rede” parece demarcar um capítulo recente e acelerado na história da conectividade humana. Sem ser maniqueísta, o autor reconhece as vantagens oriundas da hiperconexão, mas não deixa de apontar que importantes transformações intrapsíquicas e intersubjetivas também estão acontecendo. Enquanto os dados a nosso respeito alimentam uma sofisticada indústria de vigilância, esta evoluiu a ponto de ter acesso à nossa vida mental inconsciente. Mas, por que

toleramos a violação de direitos humanos contida na comercialização de nosso inconsciente? A resposta encontra-se no narcisismo, sem o qual não haveria vazamento de dados.

Após articular os assuntos trazidos na obra, Pedro Colli Badino de Souza Leite finaliza a obra apontando que a psicanálise não é o único meio de análise da nossa realidade digital, porém é uma ferramenta poderosa para isso

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund (1930/2010). **O mal-estar na civilização**. In: S. Freud, Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras ([1930], 2010).

HAN, Byung- Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Zuboff, Shoshana. **A era do capitalismo da vigilância**. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. 1ed. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2019.

Revisão gramatical realizada por: Fabiana de Oliveira Ribeiro

E-mail: fabiana.mirella@gmail.com